

Perfil do artista

*Sílvia Zeferina de Faria*¹



¹ Graduada em História pela Universidade Católica de Goiás, Especialista em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira e História Oral pela Universidade Federal de Goiás. Mestre pela Universidade Estadual de Goiás – TECCER - Anápolis. Integrante do GEHIM – Grupo de Estudos de História e Imagem. CNPq/UFG.

Octo Marques, o artista esquecido

“Sou um artista da província, um artista esquecido”

Octo Marques

Octo Marques (1915-1988), como era conhecido, cujo centenário de nascimento se comemorou no ano de 2015 nasceu e foi enterrado em Vila Boa. Filho do maestro compositor Pedro Valentim Marques e de Francisca Ferreira de Sales Marques, Octo Marques, descendente de afro-brasileiros, foi herdeiro da tradição familiar de artistas representando sua paisagem natal.

Sua carreira se iniciou na década de vinte. De maneira imprecisa, registrou-se que aos sete anos, aprendeu arte com o ex-presos Pedro manejando lápis de cor. Em 1924, frequentou o Colégio Sant’Ana e assimilou, com as freiras dominicanas, noções de desenhos e pinturas na areia, sendo o primeiro a usar tal técnica no Estado de Goiás. Além de pintor, Octo Marques (1915-1988) exerceu várias atividades, como a de desenhista, escritor, cenógrafo, gravador, ceramista, jornalista e funcionário público.

Consta, em registros memorialísticos que aos nove anos, conheceu seu segundo professor, um estafeta dos Correios e Telégrafos, de nome Martiniano. No período de 1924 a 1933, utilizou a técnica bico-de-pena, o nanquim, o lápis de cor, o papel, o guache, bem como outros “materiais estranhos”: casco de tartaruga, cabaças, barro, pedra-sabão, pedras de rios e conchas. Por meio da pintura, Octo Marques representou a paisagem de Vila Boa, e nos traços e cores das imagens, contou a história Goiás construindo tradições a serem preservadas.

A partir de 1933, a pintura de Octo Marques (1915-1988) é caracterizada como primitiva ingênua, autodidata, dotada de um estilo a que pertencem pinturas de artistas não eruditos, identificados com a pintura *naïf*. O trabalho do artista, referendado no realismo primitivo na década de quarenta, pode ser articulado historicamente sob a conjuntura da discussão sobre a modernidade de Goiânia e sua obra é comparável à de Goiandira do Couto (1915- 2011).

A partir desse período participou dos movimentos artístico-culturais em Goiânia e aprendeu a técnica da pintura óleo com o arquiteto paulistano José Amaral Neddermeyer, seu terceiro e último professor. No período de transferência da capital da Cidade de Goiás para Goiânia na década de 1930, Octo Marques se transferiu para outras localidades, ficando quatro anos longe de sua cidade natal, de 1934 a 1938. Primeiro, viveu no Rio de Janeiro e colaborou com a revista *Vida Doméstica*. Segundo, morou em São Paulo, trabalhou como revisor em *O Estado de São Paulo* e exerceu a profissão como “Foca”, em dois jornais paulistas, *Correio Popular* (1928-) e *Diário do Povo* (1912-2012).

Retornando à sua região, começou a escrever sobre a mudança. Nessa perspectiva, há um esforço de Octo Marques em apresentar pontos de ancoragem da memória, locais na cidade que ele considerou como representativos de uma tradição que não deveria ser esquecida mesmo com a mudança da Capital para Goiânia na década de 1930. Já em 1938, Octo Marques começou a se expressar defendendo pontos da Cidade de Goiás como representativos de uma memória que ele queria valorizar, o que se expressou em sua literatura e pintura.

O jornalista Octo Marques não desiste de propor soluções para progresso ou o moderno para sua cidade na década de cinquenta. Todavia, a memória reclamada e reconstruída por Octo Marques em perspectiva antimudancista não pode ser avaliada sem o registro de suas sensibilidades.

Olhar, emoção, sensação, sensibilidade fizeram parte do cotidiano de Octo Marques, seja na literatura ou na pintura, ele retratou o que não era possível usar no pincel, na paleta ou no lápis para desenhar os contornos sociais ou os traços da arquitetura colonial em volta do morro Canta Galo. Segundo o relato do artista goiano, sempre recorria à literatura quando se via “tolhido” para “conceber os meus bisonhos quadros” (MARQUES, 1985, p. 23). Suas produções jornalísticas ou literárias discorreram sobre o folclore, lendas, contos ou anedotas, descreveram uma paisagem da Cidade de Goiás, indicando-nos a maneira como o artista interpretou a cidade e seus habitantes, as formas com as quais lidava com as tradições e as questões sociais que parecem evidentes em suas representações escritas e visuais.

Na década de 1940, Octo Marques escreverá sobre os padecimentos causados pela mudança da Capital e o traumatismo melancólico e saudosismo que a ação provocou na população local. Essa antiga Vila Boa perdeu seu *status* de capital, restando a sensibilidade

ressentida de seus habitantes com esse abandono, presenciado no cinema, na praça pública e o som dos altos falantes que divulga água canalizada, o progresso e o moderno que não chegou a Goiás Velho, sonho morto com a transferência da capital. Essa mudança causou “padecimentos” durante quatorze anos de mudança.

Como escreve em seu artigo na década de 1940 (MARQUES, 1945, p.3): “A nossa solene e bi-centenária cidade, com todo o seu traumatismo melancólico, o característico saudosismo de seus filhos, o seu pequenino cinema abafadiço que diariamente berra e choraminga, estridentemente pela sirene, aos quatro pontos serranos da terra [...] faces de nossas sensibilidades progressistas, somada e ungida ao numerário dos nossos padecimentos nesses quatorze anos de mudancismo”.

A antiga Vila Boa perdeu seu status de capital, restando à melancolia, o saudosismo e o traumatismo dos seus filhos com esse abandono, o progresso e o moderno que não chegou a Goiás Velho, sonho morto com a transferência da capital. Em um encontro entre as sensibilidades coletivas e individuais, o isolamento da Cidade, referida pelo pintor como “cidade mãe” em suas crônicas escritas nas décadas de 1970 e 1990, nas obras publicadas *Casos e lendas de Vila Boa* (1977) *Cidade mãe: casos e contos* (1985), *Colcha de retalhos: casos e crônicas* (1994) e outros jornais evidencia que o artista também se sentiu desprezado.

Ao ser entrevistada, a sobrinha e afilhada do artista Francis Marques, relata que Octo Marques se sentia desprezado por uma elite artística e política que não valorizou sua arte, grupo que chamava de “povo do asfalto”, como uma referência à dicotomia atraso x modernidade que influenciou sua vida e a velha Cidade de Goiás (FRANCIS MARQUES, 2016). Outro entrevistado, Frei Marcos, contemporâneo do pintor, avalia sua exclusão como algo natural por ele ser “pobre e negro”, algo que rompia com a lógica das elites intelectuais e artísticas da Cidade de Goiás (FREI MARCOS, 2016). Com o isolamento e a distância continua na vida do artista goiano, não há ruptura com a pretensa modernidade goiana em termos financeiros e profissionais. Por toda a sua vida Octo Marques continua a traçar de forma figurativa as linhas de sua cidade “Mãe”. Em sua literatura, o artista irá evidenciar traços culturais de uma cidade que valoriza a tradição.

O artista e a cidade: ambos considerados esquecidos. Sentindo-se abandonado, Octo Marques morreu em 22 de abril de 1988, enquanto a cidade foi tombada em 27 de junho de 2001 com a concessão do título de Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO. Goiás

Velho, agora Cidade de Goiás, rompeu com a dicotomia do velho e do novo e se reinventou na esteira da construção de seu *status* como cidade patrimônio.

Referências:

Marques, Octo. *Cidade mãe: casos e contos*. Goiânia: Gráfica de Goiás – CERNE, Fundação Legionárias do Bem-Estar Social, 1985.

_____. *Colcha de retalhos: casos e crônicas*. Goiânia: UFG, 1994.

_____. *Casos e lendas de Vila Boa*. Goiânia, Of. Graf. O Popular, 1977.

_____. A cobra está com sede! Goiás, Jornal Cidade de Goiaz. Ano IX, n. 285, p.3, 2 Set., 1945.

FRANCIS MARQUES. Octo Marques. Goiânia: Goiás. 9 jul. 2016. Entrevista concedida a Sílvia Zeferina de Faria.

FREI MARCOS. Octo Marques. Goiânia: Goiás. 11 jul.2016. Entrevista concedida a Sílvia Zeferina de Faria.



MARQUES, Octo. Sem título. 1980. Técnica: Bicos-de-pena, 57x40cm. Acervo: Regina Célia de Santana Azevedo



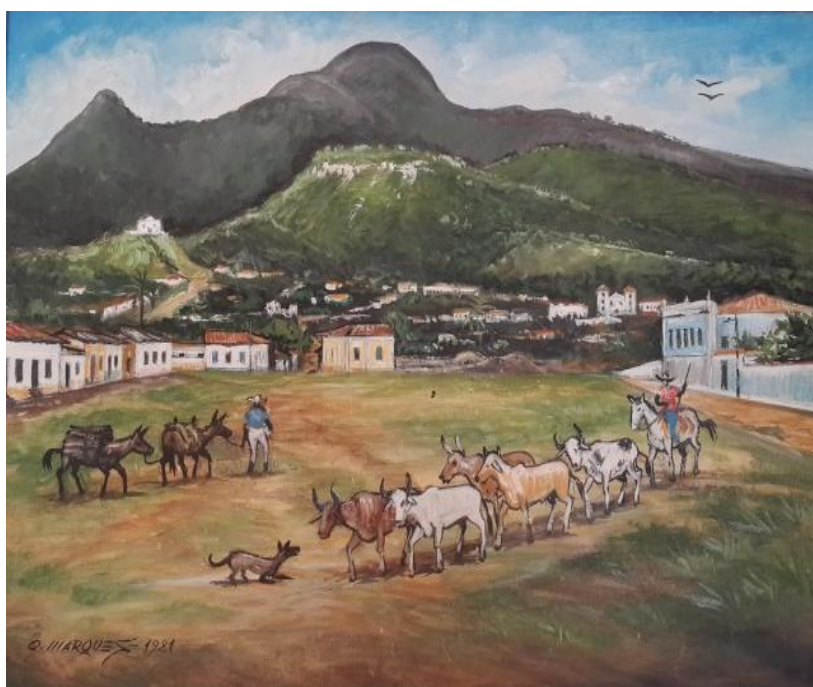
MARQUES, Octo. *Sem título*. 1983. Técnica: Bicos-de-pena, 54x35,5cm. Acervo: Anita Célia Vieira Lacerda.



MARQUES, Octo. *Sem título*. 1981. Técnica: Bicos-de-pena, 15x23cm. Acervo: Liliane de Sá Feitosa



MARQUES, Octo. *Sem título*. 1981. Técnica: Bicos-de- pena,,15x23cm. Acervo: Liliane de Sá Feitosa.



MARQUES, Octo. *Sem título*. 1981. Técnica: Óleo sobre tela, 34x54cm. Acervo: Liliane de Sá Feitosa.



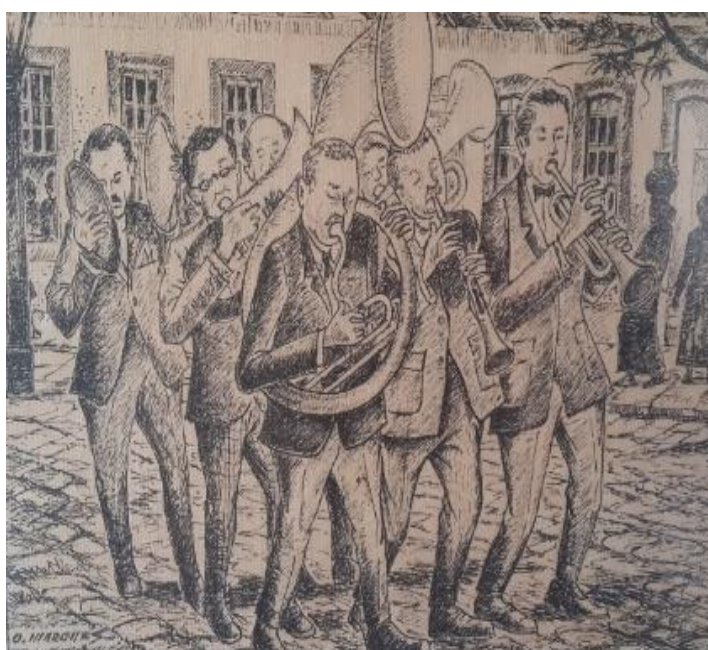
MARQUES, Octo. *Estamos trabalhando*. 1986. Técnica: Óleo sobre tela. 50x40cm. Acervo: Francis Marques Otto de C. Santana.



MARQUES, Octo. *Igreja de Santa Barbara*. S/d. Técnica: Aquarela, 20x14cm. Acervo: Francis Marques Otto de C. Santana.



MARQUES, Octo. Aula de música. S/d. Técnica Bicos-de-pena., 22x15cm. Acervo: Francis Marques Otto de C. Santana.



MARQUES, Octo. Banda de música. S/d. Técnica Bicos-de-pena., 20x12cm. Acervo: Francis Marques Otto de C. Santana.



MARQUES, Octo. *Banda de música.* S/d. Técnica: Bicos-de-pena., 20x12cm. Acervo: Francis Marques Otto de C. Santana.



MARQUES, Octo. *Sem título.* Técnica: Bicos-de-pena., s/d, 24x16,5cm. Acervo: Francis Marques Otto de C. Santana.



MARQUES, Octo. *Coluna Prestes em Goiás*; Técnica: Bicos-de-pena, 20x25cm. Acervo: Francis Marques Otto de C. Santana.



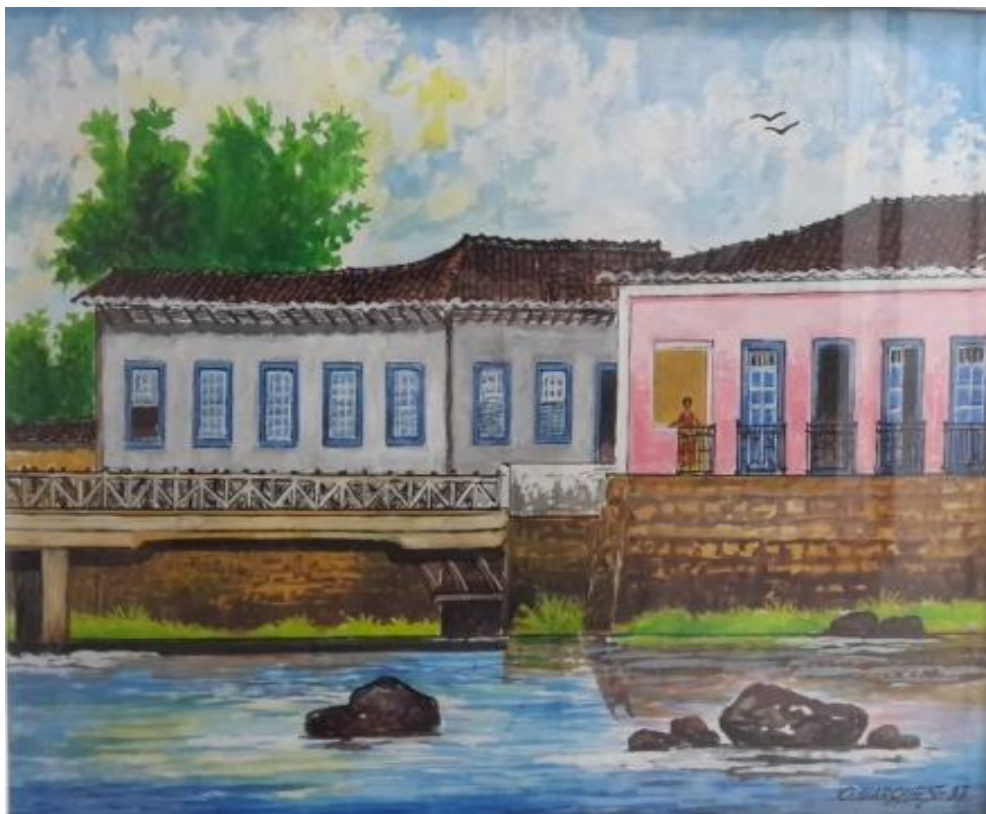
MARQUES, Octo. **O tropeiro, a igreja e os sinos**. 1982. Técnica: Bicos-de-pena. 23x35,5cm. Acervo: Aparecido Jairo Costa.



MARQUES, Octo. **O andarilho**. 1986. Técnica: aquarela. 39x21m5cm. Acervo: Aparecido Jairo Costa



MARQUES, Octo. **O tropeiro e a Igreja**. 1987. Técnica: aquarela. 38,5x25,5cm. Acervo: Aparecido Jairo Costa.



MARQUES, Octo. **A casa da ponte (2)**. 1987. Técnica: aquarela. 30x46,5cm. Acervo: Aparecido Jairo Costa



MARQUES, Octo. **Boiada**. 1988. Técnica: Óleo sobre tela, 70x100cm. Acervo Marly Mendanha Bavani



MARQUES, Octo. Rio Bacalhau. 1982. Técnica: Óleo sobre tela, 55x70cm. Acervo Marly Mendanha Bavani



MARQUES, Octo. Boiada no Largo do Moreia (inacabado). Sem data. Técnica: óleo sobre tela, 58x68cm. Acervo: Rosa Maria Marques de Souza



MARQUES, Octo. *Sem título*. 1987. Técnica: aquarela, 14x10cm. Acervo: Rosa Maria Marques de Souza



MARQUES, Octo. *Sem título*. Sem data. Técnica: aquarela, 14x11cm. Acervo: Rosa Maria Marques de Souza



MARQUES, Octo. *Sem título*. 1982. Técnica: óleo sobre tela, 39x29cm. Acervo: Rosa Maria Marques de Souza



MARQUES, Octo. *Sem título*. 1974. Técnica: óleo sobre tela, 87,5x60cm. Acervo: Rosa Maria Marques de Souza